

TELEVISÃO E FRONTEIRA: A PUBLICIDADE COMO ELEMENTO PROVOCADOR DE IDENTIDADES NA TRÍPLICE FRONTEIRA

Rafael Ricardo De Oliveira
Marcio Ronaldo Dos Santos Fernandes

Resumo:

Este trabalho pretendeu diagnosticar se a publicidade desempenha papel de elemento aglutinador do Mercosul no contexto sociocultural da região da Tríplice Fronteira: Brasil, Argentina e Paraguai, bem como, avaliar se a Televisão como meio de comunicação publicitária faz uso do portunhol para circular informações de maneira ampla, em especial quanto às campanhas educativas e refletir sobre a possibilidade de estabelecer a fronteira entre os países não como limite e campo para diferenças, mas justamente o contrário, enquanto palco para se descobrir semelhanças por meio do enlace de corpos e culturas. Para isso, realizamos uma pesquisa exploratória por meio do contato vislumbrando posteriores visitas técnicas nas emissoras RPC e Tarobá, ambas em Foz do Iguazu, e Canal 12, em Misiones; e também, uma revisão bibliográfica sobre o tema, envolvendo livros de referência e revistas acadêmicas, nacionais e internacionais. Contudo, fomos informados por tais canais que não é prática comercial ou mesmo para a difusão de campanhas educativas o uso do portunhol pelo mercado publicitário na região em estudo. Desse modo, a partir da revisão bibliográfica compreendemos que a Televisão como meio de comunicação publicitária não faz uso do portunhol porque a comunicação demanda apenas intercâmbio e reciprocidade, de maneira que seja possível satisfazer as exigências mínimas do diálogo, a partir de um mínimo de simetria que possibilite aos sujeitos atuar em liberdade. Além disso, nessa região existe uma grande diversidade cultural e linguística que não limita-se a uma comunicação apenas em português, espanhol ou portunhol.

Palavras-chave: comunicação; fronteira; cultura; língua; publicidade.

TELEVISION AND BORDER: ADVERTISING AS A PROVIDING ELEMENT OF IDENTITIES IN THE FRONTIER TRIPLE

Abstract:

This paper intends to diagnose if advertising plays a role as a unifying element of Mercosur in the socio-cultural context of the region of the Triple Frontier: Brazil, Argentina and Paraguay, as well as to evaluate if Television as a means of advertising communication uses the portunhol to circulate information in a especially in terms of educational campaigns and to reflect on the possibility of establishing the border between countries, not as a limit and a field for differences, but just the opposite, as the stage for discovering similarities through the linking of bodies and cultures. To do this, we conducted an exploratory survey through the contact for later technical visits on the RPC and Tarobá stations, both in Foz do Iguaçu, and Channel 12, in Misiones; and also a bibliographical review on the subject, involving reference books and academic journals, national and international. However, we were informed by such channels that it's not commercial practice or even for the diffusion of educational campaigns the use of portunhol by the advertising market in the region under study. Thus, from the bibliographic review we understand that Television as a means of advertising communication does not use the portunhol because communication requires only exchange and reciprocity, so that it's possible to meet the minimum requirements of dialogue, from a minimum of symmetry that allows subjects to act in freedom. In addition, in this region there is a great cultural and linguistic diversity that is not limited to communication only in Portuguese, Spanish or portunhol.

Keywords: communication; border; culture; language; advertising.

Introdução

A presente pesquisa se debruça quanto ao cenário sociocultural existente na tríade Foz do Iguaçu (Brasil), Cidade do Leste (Paraguai) e Porto Iguaçu (Argentina), tendo por intuito verificar a possibilidade de existência de uma publicidade televisiva que desempenhe o papel de elemento aglutinador no sentido de contribuir para a geração justamente de identidades de fronteira. Ao utilizar o portunhol como idioma em seu cotidiano os habitantes da região de fronteira poderiam vir a influenciar, por exemplo, a produção de campanhas publicitárias e, nesse caso, estariam contribuindo para o fortalecimento de tais identidades. Neste cenário, a investigação ora proposta quer diagnosticar o quão impactante seria essa publicidade televisiva veiculada em canais abertos nas três cidades acima nomeadas. Acompanhar sistematicamente os materiais levados ao ar significa compreender as estratégias discursivas utilizadas pelos anunciantes e por agências de criação comunicacional para vender produtos e serviços, em primeira instância, e para imediatamente contribuir, de modo bastante *sui generis*, na construção de uma comunidade imaginada, nos termos de Néstor García Canclini, sem igual na América e, potencialmente, no mundo. Destarte, entendemos as regiões fronteiriças como campos extremamente ricos para estudos das Ciências da Comunicação e áreas afins.

Objetivos

Tivemos como objetivo geral a pretensão de diagnosticar se a publicidade desempenha papel de elemento aglutinador do Mercosul no contexto sociocultural da região da Tríplice Fronteira – Brasil, Argentina e Paraguai. E, como objetivos específicos: a) avaliar se a Televisão como meio de comunicação publicitária faz uso do portunhol para circular informações de maneira ampla, em especial quanto às campanhas educativas; e, b) refletir sobre a possibilidade de estabelecer a fronteira entre países não como limite e campo para diferenças, mas justamente o contrário, enquanto palco para se descobrir semelhanças por meio do enlace de corpos e culturas entre Brasil, Argentina e Paraguai.

Metodologia

Realizamos uma pesquisa exploratória por meio do contato inicial e posteriores visitas técnicas junto às cidades de Foz do Iguaçu (Paraná, Brasil) e Posadas (Misiones, Argentina), como parte do processo de coleta de material para a pesquisa em questão. Nesse sentido, as emissoras de TV selecionadas foram RPC (Rede Paranaense de Comunicação) e Tarobá, ambas em Foz, e Canal 12, em Misiones. As quais são as mais antigas da região, o que ressalta a importância de cada uma como depositárias de memórias televisivas. Fez-se, portanto, consultas aos acervos dessas, o que permitiu à nossa pesquisa a possibilidade de analisar as representações de fronteira tratadas nas peças publicitárias encontradas. Além disso, fez-se uma revisão bibliográfica, envolvendo livros de referência e revistas acadêmicas, nacionais e internacionais.

Resultados e discussão

Esperava-se comprovar que, apesar da existência de diferenças de toda ordem em regiões de fronteira, desde o idioma até a origem histórica de cada país, o cotidiano do povo fronteiriço guarda profundas semelhanças entre si, tendo a publicidade como elemento aglutinador em muitos momentos. No entanto, apesar de tais comunidades compartilharem dos mesmos sonhos e desejos, ao estabelecermos o primeiro contato com as emissoras de TV

selecionadas, tomamos conhecimento que não é prática comercial ou mesmo para a difusão de campanhas educativas o uso doportunhol pelo mercado publicitário na região da Tríplice Fronteira do Mercosul: Brasil, Argentina e Paraguai. Desse modo, no presente item pretendemos compreender os motivos que justificam essa descoberta a partir da revisão bibliográfica.

Comunicação, comunidade e nação: alguns conceitos

Para Castellanos (2003) a comunicação não ocorre em espaços vazios, ela é consequência da ação do ser humano que ao viver o seu cotidiano fomenta o processo de construção de uma cultura, quer dizer, de elementos portadores de significados e doadores de sentido para a vida social. Assim, a tudo que o ser humano atribuir um significado, isso passa a fazer parte da cultura, ou mais precisamente culturas no plural. As quais, não são imutáveis nem estáticas, pois nelas são registradas às interações comunicativas que compõem o mundo conhecido. Portanto, elas tem, necessariamente, uma dimensão comunicativa, a que se somam as concepções de cultura como conjunto de conhecimentos e como visão de mundo. Então, comunidade e comunicação exigem-se de maneira mútua. Não existe indivíduos sociais sem comunidade, nem comunidade sem indivíduos sociais. Comunidade e comunicação exigem a participação ativa e livre dos sujeitos. Não há comunidade que se sustente sem processos e relações de comunicação. E não há comunicação sem uma instância ou entidade física e humana que a torne possível, isso é, sem comunidade.

E acerca dessa ligação cotidiana, Sfez (2000) aponta que existem uma infinidade de modos de comunicação que são estranhos uns aos outros, perspectivas que levam a diferentes definições para esse termo. Isso, haja visto que apesar dos elos de ligação existentes entre os membros de uma comunidade serem, ao mesmo tempo, evidentes e irrefutáveis, as formas como ocorrem essas ligações sociais variam ao infinito. Assim, podemos considerar que a partir dos objetos de comunicação constituem-se ciências particulares, e que cada uma delas privilegie o seu percurso teórico como o que deve dominar os demais. E, diante dessa polissemia, a linguística é uma ciência que se candidata à estudar os fenômenos da comunicação, já que a comunicação seria, antes de tudo, linguística. E tal argumento possui força de convencimento pelo fato de o homem ter a fala como característica que

o diferencia perante os outros animais. Aliás, esse atributo, a linguagem, é essencial à definição humana. E, como o homem vive em grupo, em sociedade, conforme já apreçoava o filósofo Aristoteles, o homem é definitivamente um ser político.

Nesse aspecto, Anderson (2008) a partir de um espírito antropológico propõe a seguinte definição de nação: uma comunidade política imaginada, porém isso no sentido em que ela é, intrinsecamente, limitada e, simultaneamente, soberana. Ela é imaginada porque mesmo os membros das menores nações existentes nunca estarão aptos a conhecer, encontrar ou nem sequer ouvirão falar de todos os seus compatriotas embora todos tenham em mente uma imagem vívida do elo de comunhão que compartilham. Assim, o alicerce que sustenta a existência de uma nação é o fato de uma grande quantidade de pessoas considerarem-se uma nação. Na verdade, qualquer comunidade maior que uma aldeia onde é possível estabelecer contato face a face com todos é imaginada. Por outro lado, a nação é compreendida como limitada pois até mesmo a maior delas que agregue, por exemplo, um bilhão de habitantes, também possuirá fronteiras finitas ainda que elásticas. E, uma nação é soberana devido ao fato desse conceito ter surgido na época em que o Iluminismo questionou a legitimidade dos reinos dinásticos hierárquicos de ordem divina; e amadurecido, numa época em que mesmo os fiéis mais fervorosos de qualquer religião depararam-se com a constatação de que havia um pluralismo de religiões no mundo. Então, logo perceberam que a melhor maneira de alcançarem a liberdade é serem soberanos sobre uma porção determinada de terra. Destarte, uma comunidade é imaginada pois independente das situações de desigualdade e exploração que possam existir dentro de seu território, a nação sempre é concebida como uma profunda irmandade horizontal. E, em síntese, foi esse sentimento que viabilizou, que tantos milhões de pessoas matassem e morressem por essas criações imaginárias e limitadas.

A mistura da língua dos colonizadores com as línguas nativas: uma tentativa de planificação linguística

Na América, por exemplo, a vinda dos europeus com intuito de colonizar as terras que aqui encontraram redefiniu a comunicação, as noções de comunidade e de nações como nos explicam Acemoglu e Robinson (2012) ao

relatarem que após Cristovão Colombo encontrar uma das ilhas das Bahamas, em 12 de outubro de 1492, o projeto espanhol de colonização das Américas tem início com a invasão do México por Hernán Cortés, em 1519; a expedição de Francisco Pizarro ao Peru, quinze anos depois; e a expedição de Pedro Mendoza ao Rio da Prata, após mais dois anos. No decorrer do século XVI, a Espanha conquistaria e colonizaria a maior parte da região central, ocidental e sul da América Latina, ao passo que Portugal ocuparia o Brasil, a leste. De forma complementar, Barcelos (2013) ensina que o início da ocupação platina pelos colonizadores europeus remonta ao referido século, período em que o continente encontrava-se sob o domínio espanhol por força do Tratado de Tordesilhas, firmado entre as coroas ibéricas em 1494. No início, a exploração da região ocorreu por intermédio das expedições de Estevão Fróis e João de Lisboa, 1512, Juan Díaz Solis, 1516, e Fernando de Magalhães, 1520, que tinham como intuito o reconhecimento da costa meridional e, paralelamente, buscavam encontrar um ligação entre os oceanos Atlântico e Pacífico. Em seguida, ocorreram as expedições de Aleixo Garcia, 1524, naufrago da viagem de Solis, que fez uma incursão por terra a partir do atual litoral de Santa Catarina, e de Sebastião Caboto, 1526, e Diego Garcia, 1526, que navegaram parte do Rio da Prata e do Rio Paraná. Dessa vez, elas pretendiam verificar: as notícias advindas, sobretudo da expedição de Solis, acerca da existência da desembocadura de um grande rio, ao qual denominavam Solis; e os relatos indígenas de que no interior haveria um reino rico em ouro e prata. Mas, com a chegada da expedição portuguesa de Martim Afonso de Souza ao litoral sul do Brasil, 1532, a coroa espanhola vê a necessidade de intensificar sua presença na região platina. Por isso, em 1536, Pedro de Mendoza, funda Buenos Aires. E, no ano posterior, um grupo de companheiros de Mendoza, sob a liderança de Juan de Ayolas, estabelece o núcleo de Assunção às margens do rio Paraguai. Contudo, a tentativa de conquistar o ouro e prata do qual tiveram notícias permaneceu até a década de 40, quando houve a queda do Império Inca. Assim, no século XVI ocorreu um duplo movimento espanhol nas porções meridionais da América: de um lado, temos a consolidação da conquista sobre as populações andinas da região do Peru, e o início da exploração intensa dos minérios que esta zona propiciava; de outro, uma lenta e gradual exploração, com alguns estabelecimentos, do vasto território que circundava a bacia do rio da Prata.

Então, devido a essa influência externa, passam a coexistir numa mesma comunidade as culturas européias (advindas da península ibérica)

e americanas (indígenas), cada qual com seus idiomas correspondentes. Por isso, Castellanos (2003) defende que, de forma particular, há uma mestiçagem linguística nos países da América. Pois neles, o idioma espanhol, graças ao contato com a cultura local, foi se enriquecendo com palavras dos grupos étnicos indígenas e, igualmente, por outro lado as línguas americanas incorporaram palavras, expressões idiomáticas e modismos originários do espanhol. E foi justamente essa corrente de mão dupla que viabilizou a comunicação entre esses dois mundos culturais. Porém, cabe ressaltar que essa mestiçagem, de forma alguma foi política de Estado dos colonizadores, ela ocorreu apesar da reiterada tentativa deles de marginalizar as línguas originárias da América. Mas como essa mestiçagem também ocorreu a níveis biológicos, ou seja, laços de sangue, essa nova comunidade representou a confluência de elementos de várias culturas seja na manutenção ou confecção de bens materiais e simbólicos, instituições e valores, linguagens e língua, atitudes e comportamentos, usos e costumes, e com eles suas formas, níveis e tipos de comunicação. Porquanto, a América nasce para a história universal como um feito histórico mestiço, mesmo que majoritariamente negado, e só às vezes afirmado. Ainda no campo da linguagem, Lacorte (2006) cita o *spanglish* bem como outras variedades derivadas de situações de línguas em contato como *portuñol* ou *fronterizo* (espanhol e português entre Uruguai e Brasil), *guarañol* (espanhol e guarani no Paraguai), *yopará* (espanhol e guarani no Paraguai) e *cocoliche* (espanhol e italiano na Argentina). E, Rosa (2004) acrescenta a esse rol, o *portunhol* presente na fronteira entre o Brasil e Argentina, e o *lufardo*, encontrado na Argentina, mais especificamente na região de Buenos Aires, uma combinação de espanhol e elementos de vários idiomas europeus trazidos por imigrantes no final do século XIX. Em contrapartida, Di Tullio (2008) ressalta que houve na América uma evidente tentativa de planificação linguística não apenas orquestrada pela colonização em si e pela desfavorável política econômica metrópole-colônia, mas que, igualmente, esteve diretamente relacionada e foi uma das consequências da origem dos Estados Nacionais em nosso continente, pois a construção de organizações supra estatais justifica novas formas de integração regional que desafiam as definições tradicionais de identidade cultural e linguística.

E nesse ponto recorreremos a Anderson (2008) para quem são exemplos de fatores contingentes e inelutáveis: a morte, assim como a herança genética pessoal, nosso sexo, a época em que viemos, nossas capacidades físicas,

língua-materna, entre outros. Que então, ao trazer a tona esses elementos, nos ensina que todas as comunidades clássicas consideravam-se cosmicamente centrais, devido a existência de uma língua sagrada que justificava uma ordem de poder supra-terrena. Aliás, ele evidencia que tais comunidades eram intimamente conectadas à uma língua sagrada e confiavam nela como um sacramento para o qual os novos membros deveriam fazer um voto de respeito e lealdade, o que justificaria a sua aceitação no seio da comunidade. Assim ocorreu por séculos com o árabe para os muçulmanos, o latim para os cristãos e o mandarim para os budistas. Não obstante essas serem línguas mortas para a maioria de seus seguidores, elas funcionavam como símbolos de união para todos. Só então, com declínio das comunidades, línguas e linhagens sagradas houve uma transformação nos modos de compreender o mundo, o que possibilitou o conceito de nação. Em primeiro lugar, porque tanto no Brasil, nos EUA quanto nos países hispânicos, a língua não era um elemento que os diferenciava de suas respectivas metrópoles imperiais. Os habitantes de nosso continente, em sua maioria, eram fruto da miscigenação biológica e formavam estados crioulos que tinham a mesma língua e a ascendência do adversário a ser combatido. Portanto, nesse momento, cabe dizer que a língua nunca se colocou como estopim para as primeiras lutas de libertação nacional. Uma língua oficial padronizada favorecia o intercâmbio de documentos, homens e, igualmente, do comércio. Assim, veremos que o conceito de nação foi uma invenção sem patente copiado e reproduzido por incansáveis vezes, tanto que o fim da era dos movimentos vitoriosos de libertação nacional na América coincidiu com o início da era do nacionalismo que entre 1820 e 1920, mudou a face do Europa por meio do ressurgimento da ideia do uso de uma língua exclusiva só que agora ela atuaria como propriedade privada de uma nação. Dessa forma, torna-se evidente o caráter primordial da língua, mesmo as consideradas modernas, já que: ninguém é capaz de cravar a data em que nasce uma língua e todas elas remetem a um passado sem horizonte. E isso, demonstra que as línguas são mais enraizadas do que praticamente qualquer outra coisa e é ao mesmo tempo, aquilo que nos liga afetivamente aos mortos. Outra questão relevante, é o papel que desempenham os hinos nacionais. Por mais banal que seja a letra e medíocre a melodia, existe nesse canto uma experiência de um profundo senso de fraternidade. Que ocorre mais precisamente quando, pessoas totalmente desconhecidas entre si pronunciam os mesmos versos no transcorrer da mesma música.

No entanto, apesar da clara tentativa de planificação linguística dos Estados Nacionais pós-coloniais da América de possuírem uma única língua que funcione como propriedade privada e elo de integração para a nação, Stavans (2014) assegura que não há um espanhol unificado e portanto, cada país tem o seu próprio tipo de espanhol, e mesmo no âmbito interno de cada um deles existe inúmeras diferenças, por exemplo, o espanhol do México é diferente do espanhol da Argentina. Ainda sobre esse idioma, para Rajagopalan (2009) ele é esmagadoramente a principal língua na região, mas o português, falado por aproximadamente de 170 milhões de brasileiros, que constituem cerca de metade dos estimados 350 milhões habitantes da América do Sul são, igualmente, uma presença importante e não pode ser negligenciada, mesmo que a maioria das transações comerciais e outros intercâmbios entre as nações aconteçam em espanhol ou portunhol. Destarte, Shaw e Richards (2005) entendem ser compreensível o fato do espanhol e do português falados hoje na América Latina, serem diferentes dos seus congêneres europeus; até porque eles evoluíram de forma independente e receberam a influência das línguas indígenas, do idioma dos escravos africanos, e de outras línguas trazidas por diferentes grupos de imigrantes, que vão desde italianos aos japoneses. Porém, consideram um equívoco, a noção de que o espanhol falado aqui difere de forma tão dramática de país para país, ou do espanhol europeu, de modo a tornar a comunicação impossível. Eles explicam, que as variações não são grandes o suficiente a ponto de dificultar a comunicação e asseguram que os latino-americanos e espanhóis não teriam mais problemas com inteligibilidade mútua que os britânicos e norte-americanos. Outra questão relevante por eles apregoada é que as línguas indígenas não desapareceram. Por exemplo, nos Andes, as línguas quechua e aymara ainda são faladas, como é o guarani no Paraguai e nahuatl no México. E isso ocorreu porque apesar de ter sido favorecido por um projeto de planificação da linguagem, o espanhol é uma língua estranha e, assim sendo, é inadequada para descrever alguns fenômenos naturais e culturais da região.

A Tríplice Fronteira do Mercosul como máxima cristalização de um processo de integração econômica

No início da colonização houve o Tratado de Tordesilhas e, posteriormente, enquanto a parte portuguesa tornou-se o Brasil, a espanhola dividiu em inúmeros países. Por isso, Jaquet (2008) ensina que do ponto de vista socioantropológico, toda fronteira possui uma dupla natureza. Ela é, simultaneamente, um objeto/conceito (enquanto realidade ancorada em seu aspecto físico/territorial) e um conceito/metáfora (enquanto realidade construída cultural e simbolicamente). A posição articuladora da fronteira como um objeto físico e como metáfora não é o resultado de uma visão complacente ou do mero reconhecimento da complexidade dos fenômenos que nela ocorrem, mas sim uma abordagem que já não pode evitar a observância dos fenômenos de complementação, nem os de contradição e de conflito que existem nas nessas regiões, como tampouco o modo como ambos os tipos de fenômenos se relacionam na diversidade das fronteiras internacionais existentes. Tal visão antropológica compreende os processos socioculturais como processos especializados e arraigados na materialidade daquelas localidades, e nos leva a entender a fronteira como um espaço semelhante: como uma localidade onde existem processos socioculturais específicos que lhe são próprios. Assim, é possível diferenciar a linha da fronteira convencional entre nações das fronteiras humanas concretas, constituídas pelas relações e interações entre as pessoas. Porquanto, a fronteira sociocultural constitui uma estrutura aberta de limites sempre imprecisos, determinada pelas voláteis atividades humanas. É, de certa forma, um sistema de relações com características *sui generis*, que são determinadas por sua posição territorial. Trata-se de processos especializados e arraigados na materialidade destas localidades, que também são produtos de negociações fronteiriças.

De forma complementar, Béliveau e Mallimaci (2013) defendem que nos territórios socialmente construídos como fronteira, a leitura das identidades tornam-se mais transparente, e que ao estabelecermos contato com a outra nação dá-se um rosto humano para a construção da alteridade. E a percepção da presença permanente desse outro evidencia certos sinais identificadores que permitem a diferenciação. Para Milia (2015) o termo Tríplice Fronteira designa regiões onde as fronteiras de seus países estão num único ponto ou

marco, que é chamado tripartido. No Mercosul (Mercado Comum do Sul), criado em 1991, temos um exemplo entre as cidades de Foz do Iguaçu (Brasil, Paraná), Cidade do Leste (Paraguai, Departamento de Alto Paraná) e Porto Iguaçu (Misiones, Argentina). Contudo, Castellanos (2003) assegura que do ponto de vista territorial os laços culturais que fazem parte da vida são mais fortes que os limites impostos pelas fronteiras geográficas artificialmente criadas por necessidades políticas. E que as fronteiras territoriais não eliminam mestiçagens linguísticas e culturais, bem como as estimulam. Nesse aspecto ele entende essa Tríplice Fronteira como um exemplo de território compartilhado, ou seja, um ponto de confluência de dois ou mais países com grupos étnicos e culturais diferentes que por força da necessidade da vida aceitam mutuamente as diferenças uns dos outros para além das contradições e problemas que surgem entre eles.

No entanto, Jaquet (2008) nos ensina que a partir de 1994, após os ataques contra a Embaixada de Israel e a Associação Mutual Israelita Argentina (AMIA), em Buenos Aires, a região começou a receber o dobro de atenção dos governos dos três países e dos Estados Unidos. Então, foi criada uma organização de inteligência conjunta para investigar e monitorar as atividades da área. Precisamente a partir desta data começam a denominar esse lugar como “Tríplice Fronteira”, mas num sentido pejorativo. Aliás, foram os meios de comunicação que começaram a apresentá-la como um lugar de caos e perigo, onde operaram as máfias chinesa e árabe, circula o contrabando e o tráfico de drogas e armas, e onde estão células ocultas ou adormecidas do terrorismo fundamentalista árabe internacional. Em algumas ocasiões, argumentou-se que os fundos para financiar os ataques contra as torres gêmeas de Nova York saíram dali. Outras especulações, ainda mais ousadas, não hesitaram em alarmar sobre a possibilidade de que o Hezbollah atuasse na região e também afirmaram que até mesmo Osama bin Laden estivera escondido em algum lugar na Cidade do Leste. Assim, apesar da Tríplice Fronteira passar a ser compreendida como uma fronteira de fogo na justaposição dessas posições (ou como parte de um eixo do mal ou como um foco de resistência ao domínio imperial), e não obstante os grandes comerciantes beneficiarem-se dos fluxos comerciais que nutrem seus vantajosos negócios transnacionais, não podemos esquecer que uma outra fronteira se desenvolve: aquela que diariamente fazem os habitantes de fronteira. Assim, se nos atentarmos para a ideia de que a Tríplice Fronteira é

um espaço ou área onde fluem as dinâmicas de circulação transnacional de mercadorias, pessoas e significados, é possível caracterizá-la como um espaço transnacional singular.

Alfonso (2008) aponta que até décadas recentes, as zonas de fronteiras significavam os limites dos territórios nacionais e, por isso, foram marginalizadas e sofreram por suas desvantagens em termos de economia de escala. Mas, com a sua incorporação na dinâmica da acumulação de ambos os lados da fronteira construiu-se um ajuste espacial muito particular e que deu início a um processo de revalorização de novos territórios e de regiões tradicionais. Enquanto Hardy (2013) reitera que ambos os lados compartilham uma identidade regional e são misturados em uma teia de organizações econômicas e políticas, na qual oportunhol atua como uma língua comum, que está começando a emergir para regular as relações entre os membros do Mercosul. Enquanto, Medina (2007) ressalta que apesar dessa aliança, entre Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai, não ter conseguido consolidar-se completamente, todavia ela anda em ziguezague dando passos para frente e outros para trás, e não sabemos quando ela se consolidará definitivamente. A ideia contínua em pé, e as tentativas nos trouxeram muitas experiências positivas que podem ser úteis no futuro. Sobre isso, Atkinson (1994), considera que o aspecto positivo dessa experiência até o momento é o acordo em prol de uma política de Estados países de língua espanhola aprenderem português e vice-versa. Nesse sentido, Lima (1998) afirma que com a aprendizagem do espanhol, os brasileiros deixariam de usar oportunhol, que tem incidência nas regiões de fronteira entre as pessoas que não estudaram o espanhol ou não aprenderam bem quando o estudaram, acentuando que oportunhol induz seus falantes à confusões.

Assim, mais uma vez, testemunhamos a tentativa dos Estados Nacionais de regular e influenciarem os caminhos fluidos e dinâmicos do uso da linguagem. Aliás, Jaquet (2008) nos lembra que o Mercosul é a máxima cristalização de um processo de integração econômica na América do Sul e que após a sua criação inúmeras retóricas postularam a eliminação das fronteiras aduaneiras com o intuito de patrocinar a união natural e automática dos povos a partir da reivindicação de uma cultura comum. Porém para ele, a verdade é que a integração econômica impulsionada por políticas de governos neoliberais reforçou as assimetrias e desigualdades entre os países. E ainda menciona, que um grande número de cientistas sociais advertiu a necessidade

de considerar a dimensão sociocultural da integração e apontou para os riscos provocados pela redução da compreensão dos fenômenos de integração a um plano exclusivamente econômico. Apesar disso, por outro lado, acentua que as fronteiras internacionais da América Latina converteram-se no foco de atenção das disciplinas sociais. E, tal atenção implicou, de alguma forma, numa mudança sem precedentes na reflexão sobre a realidade latino-americana: o tratamento da periferia como centro. As fronteiras haviam sido espaços marginais para os Estados e espaços secundários para conhecimento hegemônico. Os acordos elaborados pelos governos nas capitais dos estados não contemplam a realidade das zonas fronteiriças e as políticas econômicas reforçaram o controle na fronteira, uma vez que para regular o tráfico internacional e transnacional, tanto de pessoas como de bens foi necessário o aumento da presença de funcionários aduaneiros e militares, que aplicam violentas formas de controle sobre a população que tradicional e cotidianamente cruzava a fronteira. Assim, por enquanto o Mercosul continua a monitorar os fluxos econômicos que circulam através desta fronteira e as autoridades nacionais mantêm um muro de procedimentos, controles e barreiras para impedir a livre circulação de pessoas e bens.

Para Garcia Canclini (2008) há uma longa história de construção de uma cultura híbrida na América Latina, em que a modernidade é sinônimo de pluralidade, mesclando relações entre conceitos, *a priori*, antagônicos como hegemônicos e subalternos, tradicional e moderno, culto, popular e massivo. E, ele acredita que os projetos de independência e desenvolvimento nacionais buscaram harmonizar o modernismo cultural com a semi-modernização econômica, e ambos com as tradições que apesar de enfrentarem forças oposta ainda persistem. Para ele, o estudo dessa heterogeneidade cultural é uma dos possíveis caminhos para explicar os poderes oblíquos que mesclam instituições liberais e hábitos autoritários, movimentos sociais democráticos e regimes paternalistas, e as transações de uns com outros. Nesse contexto, as tradições transformam-se em versões ritualizadas de si mesma e, isso somente para servir à legitimação daqueles que as construíram ou se apropriaram delas. O patrimônio cultural passa a ser teatralizado e tem a escola como palco fundamental pela repetição dos conteúdos conceituais do ensino, assim como as celebrações, festividades, exposições e visitas a lugares míticos. Destarte, observa-se na reprodução das comemorações tradicionalista um contínuo e frequentemente desconhecimento, bem como esvaziamento dos

seus significados no passado. Na atualidade, nos interessamos mais pelos bens culturais – objetos, lendas, músicas – do que pelos agentes que os geram e consomem. Há uma singular fascinação pelos produtos, e um descaso, inversamente proporcional, pelos processos e agentes sociais que os geram.

E, quanto a pluralidade acima mencionada, entendemos que ao contrário das imposições feitas no período de formação dos Estados Nacionais na América do Sul com a imposição de uma língua nacional; ou nas feitas após a criação do Mercosul, em que seus membros optaram pelo ensino compulsório do espanhol no Brasil e do português nos países de língua espanhola; entendemos que a compreensão da Tríplice Fronteira por meio dos fluxos fronteiriços, de pessoas, bens e significados é o que transforma essa fronteira num expoente de uma cultura híbrida, repleta de riquezas e contradições. Sobre isso, Di Tullio (2008) explica que o Mercosul representava, no início, um cenário interessante para reforçar os laços culturais e identidade latino-americana. Nesta linha, uma política linguística entre os países da região significa promover uma integração cultural não só tendo em conta as línguas oficiais, mas também a língua de contato que surgiu nas zonas fronteiriças e a dinâmica entre as mais de duzentas línguas indígenas da região, dentre as quais se sobressai o Guaraní, presente no Paraguai, Brasil e Argentina.

Mas, para Jaquet (2008) do ponto de vista estritamente geográfico, a Tríplice Fronteira é o lugar exato onde o rio Iguazu desagua no rio Paraná. No cruzamento de seus canais, três países coincidem: Brasil, Paraguai e Argentina. E sua existência é circunscrita por três cidades, respectivamente: Foz do Iguazu, Cidade do Leste e Porto Iguazu que têm seus trânsitos e fluxos viabilizados por pontes e passagens de fronteira existentes entre elas. Dessa forma, as principais características da área são: os núcleos urbanos relativamente recentes e com crescimento acelerado, porém desigual; o fato das três cidades formarem o ambiente geopolítico central do Mercosul por deterem um grande pólo comercial em Cidade do Leste que é o principal motor econômico da região; concentrar atividades legais e ilegais que repercutem nas capitais dos três países; e possuir recursos naturais, hídricos e energéticos abundantes. Além disso, nessa região existe uma grande diversidade cultural, há presença de imigrantes de origens diversas — árabes, chineses, coreanos, aos que somam-se paraguaios, argentinos e brasileiros, assim como grupos indígenas e de certas comunidades étnicas de origem européia que historicamente tem habitado esse território. Desta população, sem dúvida,

as comunidades árabes e chinesas são as que majoritariamente dinamizam a economia regional. O primeiro é composto por cerca de 18 000 pessoas, a maioria libanesa, mas também sírios, egípcios, palestinos, jordanianos, são os principais proprietários de shopping centers e empresas de atacado e varejo da Cidade do Leste e de Foz do Iguaçu. A segunda consiste em uma comunidade de 5.000 pessoas com uma participação, ainda que significativa, de menor expressão do que a dos árabes na atividade econômica.

Jaquet (2008) ainda nos explica que a cidade brasileira de Foz do Iguaçu é um núcleo urbano de crescimento sustentado e dentre as três cidades chama a atenção por sua infraestrutura turística, hoteleira, shoppings centers e complexos de lazer. Os seus primeiros colonos foram os pioneiros que se aventuraram em terras desconhecidas. Em 1881 fundou-se uma colônia militar que era um posto avançado de expansão da cidade de Guarapuava, cujo controle foi, em seguida, transferido para Foz devido a sua emancipação municipal. Anos mais tarde, a área foi povoada por comitivas de agricultores de erva e de madeiros, e em 1910 chegaram os primeiros agricultores de origem europeia, italianos e alemães, que vinham avançando para o norte desde 1826 quando saíram da região de São Leopoldo no Rio Grande do Sul. Essa cidade possui uma enorme quantidade de comércios bem estruturados e com estoque, e mantém uma relação comercial mais estreita e dinâmica com a cidade paraguaia de Cidade do Leste do que com a argentina Porto Iguaçu. Mais precisamente, a partir dos anos de 1980 ocorre o auge das transações comerciais entre Foz do Iguaçu e Cidade do Leste: o chamado turismo compra e o comércio de atacado para exportação foram as forças que dinamizaram essa relação. Artigos eletrônicos e todos os tipos de produtos importados oferecidos na zona franca de Cidade do Leste, atraíam esse tipo de turismo, que está integrado a uma rede de transações legais e ilegais através da fronteira. Dependendo das assimetrias da relação cambiar, esses fluxos comerciais foram intensificados ou diminuídos; mas apesar disso o trânsito de pessoas e mercadorias pela Ponte da Amizade, construída em 1965, é sempre intenso. Por ela circulam, caoticamente, milhares de pessoas a pé, em carros, motos, bicicletas, carroças puxadas por cavalos ou bois, ônibus de curta e de longa distância, táxis, etc. Um tráfego que explode do lado paraguaio, onde uma multidão de pessoas, máquinas e animais formam um formigueiro constante e inesgotável pela ruas de e calçadas da cidade, um fluxo que só é interrompido pelo congestionamento que pode atrasar por horas a travessia sobre a ponte.

Sobre a fronteira Brasil-Paraguai Richards e Shaw (2005) entendem que as línguas indígenas exerceram, naturalmente, grande influência sobre o espanhol naqueles países onde as populações nativas, suas culturas e civilizações eram mais fortes e conseguiram sobreviver razoavelmente intactos à conquista. Embora nenhuma cultura nativa tenha sobrevivido a este holocausto em bom estado, alguns povos nativos conseguiram administrar-se de modo a permanecerem numerosos e vigorosos o suficiente para que fossem impossíveis de ignorar, num contexto nacional moderno. No Paraguai a situação é única, uma vez que a proficiência na língua Guarani é praticamente um emblema nacional de honra. Nesse país o espanhol e o guarani são habitualmente intercalados durante uma conversa por meio de uma mistura linguística conhecida como yopará. E, eles ressaltam que para alguns observadores o yopará constitui a terceira língua do Paraguai e seria a tentativa deles de uma verdadeira língua nacional. Enquanto Riedinger (2005) explica que como geralmente chegavam sem esposas, os homens espanhóis ou casavam ou mantinham relações sexuais com as mulheres índias nativas, criando o povo mestiço, uma população racial mista que agora domina a sociedade. A maioria dos paraguaios são descendentes de um ancestral masculino de língua espanhola e de um do sexo feminino de língua guarani. Esta linhagem tem feito muitos paraguaios bilíngue, tendendo a falar Guarani no seu ambiente doméstico e espanhol em público. O guarani é a língua dominante em áreas rurais, enquanto espanhola prevalece nas cidades. No entanto, o yopará em algumas localidades sofre a influência da língua dos pequenos grupos de chineses, coreanos e minorias de língua árabe que se instalaram em cidades e vilas paraguaias, engajando-se em atividades comerciais. Com uma população pequena devido à guerra que ocorreu durante os séculos XIX e XX, isso fez o Paraguai ser aberto à uma extensa imigração.

Dessa forma, Jaquet (2008) ensina que Cidade do Leste até 1989 chamava-se Cidade Presidente Stroessner e é um grande império comercial composto por comerciantes ambulantes, os *mesiteros*, que exibem os seus produtos nas calçadas, e por grandes shoppings centers que atraem uma grande quantidade de turistas e compradores pela possibilidade de obter, a preços baixíssimos, artigos eletrônicos e equipamentos de informática de toda espécie de capacidade e complexidade tecnológica. Por ser uma zona franca, livre de impostos, o turismo de compra é basicamente um tipo de comércio de provisão para revenda dos itens em outros pontos, que às vezes estão

muito longe da Tríplice Fronteira. Outra questão importante é que durante as transações comerciais é possível ouvir árabe, guarani, chinês, português, espanhol e todos os tipos de combinações possíveis entre esses idiomas, muito naturais para os grupos que convivem nesta cidade.

Com relação à Fronteira Brasil-Argentina, Béliveau e Mallimaci (2013) apontam que a Província de Misiones, era considerada uma fronteira distante, selvagem e inacessível. Originalmente habitada por grupos indígenas da família guarani, a região foi povoada durante o século XX. Estas terras, na fronteira com o Brasil, eram públicas; na verdade, foram organizados diversos planos governamentais de colonização para as áreas consideradas desabitadas e, portanto, expostas a invasão permanente dos brasileiros. Ainda sobre essa região, Jaquet (2008) se comparada a fronteira Misiones-Paraguai, a zona com o Brasil é mais pobre, e especialmente na parte do Alto Uruguai, concentram-se os piores indicadores socioeconômicos; além disso, reúne uma maior proporção de população rural, com pequenas fazendas e domicílios com altos níveis de necessidades básicas insatisfeitas (NBI). Trata-se da área mais vulnerável da Província do ponto de vista econômico e social. Não obstante, os planos de povoamento a região teve influência majoritária dos teuto brasileiros e como resultado da prática de misturas culturais temos o portunhol com *status* de língua dominante nessa fronteira. Assim, apesar de pertencer política e juridicamente a Argentina, paradoxalmente, Misiones possui laços culturais mais forte com o Brasil.

Já sobre a cidade argentina de Porto Iguazu Jaquet (2008) diz que é a menor das três que estão na tríplice fronteira e a menos dinâmica de todas. Liga-se a Foz do Iguazu pela ponte Tancredo Neves, que atravessa o Rio Iguazu, e foi construída em meados de 1980. Essa cidade sofre com o estigma de ser um lugar pobre e atrasado, em contraste com os grandes centros urbanos vizinhos. No passado, quando a relação de cambiaria favorecia aos argentinos, eles atravessaram ao lado brasileiro e paraguaio para a compras ou ter seus momentos de lazer, nesse período, era vista como uma cidade fantasma pela pouca atividade comercial registrada. Seu principal recurso é o turismo, conta com as Cataratas do Iguazu e um Parque Nacional ou Reserva Natural como suas principais atrações para os visitantes de todo o mundo. Puerto Iguazu está a 300 quilômetros da cidade argentina de Posadas, capital da província de Misiones, a qual pertence esse município é também o núcleo urbano mais distante da Tríplice Fronteira, ou pelo menos, de sua parte mais ativa.

Dessa forma, percebemos que na Tríplice Fronteira cada cidade possui os seus atributos Foz do Iguaçu destaca-se por sua boa infraestrutura; Cidade do Leste por ser uma zona franca e Porto Iguaçu por suas belezas naturais. Porém, com relação a comunicação percebemos que quando Castellanos (2003), diz que a comunicação se exige por força da participação, é como afirmar que sem importar seus níveis, formas e tipos, qualquer processo e relação de comunicação demanda intercâmbio e reciprocidade, de maneira que seja possível satisfazer as exigências mínimas do diálogo, a partir de um mínimo de simetria que possibilite aos sujeitos atuar em liberdade. Nesse aspecto, Shaw, Taylor e Richards (2005) apontam que o Rádio tem sido um meio crucial de comunicação na América Latina, particularmente em países com infra-estrutura precária e severos desafios topográficos. A introdução na década de 1960 do rádio trouxe comunidades distantes ao contato com cidades como nunca antes, abrindo-as para todos os tipos de influências. Com o advento do rádio, mensagens políticas, religiosas, publicidade, música e transmissões educacionais têm penetrado em interiores nacionais antes inacessíveis. Contudo, Jusionyte (2015) observa que a mídia brasileira possui uma forte influência cultural sobre os residentes nas cidades da bacia do Iguaçu que crescem falando portunhol. E, Milia (2015) complementa o raciocínio dizendo que eles o falam, pois foram influenciados pela Rádio, as relações interpessoais, a TV e a mídia impressa, de um vizinho mais poderoso e rico. Nesse sentido, Béliveau e Mallimaci (2013) consideram que os meios de comunicação brasileiros invadem o espaço argentino por meio de suas produções audiovisuais. Enquanto, Atkinson (1994) relata a previsão feita por Harry Simonsen Jr., presidente da Simonsen Associados, uma empresa de consultoria líder de mercado à época no Brasil, de que a publicidade em portunhol poderia em breve tornar-se algo comum, pois ela estaria sendo aceita, gradualmente, na região como uma língua comercial.

Considerações finais

Nesta pesquisa, diagnosticamos que a publicidade não desempenha papel de elemento aglutinador do Mercosul no contexto sociocultural da região da Tríplice Fronteira – Brasil, Argentina e Paraguai e que a Televisão como meio de comunicação publicitária não faz uso do portunhol para circular informações de maneira ampla, em especial quanto às campanhas educativas.

Portanto, fica evidente que a previsão do consultor brasileiro Harry Simonsen Jr., feita em 1994, não se realizou. Contudo, comprovou-se que é possível estabelecer a fronteira entre países não como limite e campo para diferenças, mas justamente o contrário, enquanto palco para se descobrir semelhanças por meio do enlace de corpos e culturas.

A publicidade não desempenha papel de elemento aglutinador do Mercosul no contexto sociocultural da região da Tríplice Fronteira, pelo fato dessa organização internacional ser a máxima cristalização de um processo de integração econômica impulsionada por políticas de governos neoliberais na América do Sul que reforçou as assimetrias e desigualdades entre os países, ao invés de privilegiar o viés sociocultural ao promover a eliminação das fronteiras aduaneiras, ao respeitar os fluxos fronteiriços e a união natural dos povos a partir da reivindicação de uma cultura comum. Assim, os acordos elaborados pelos governos nas capitais dos estados não contemplam a realidade das zonas fronteiriças e as políticas econômicas reforçaram o controle na fronteira. Outra questão, é que ao contrário do que pensou Harry Simonsen Jr., ao invés da criação de políticas que valorizassem as línguas de contato como é o caso do portunhol, os países membros do Mercosul optaram pelo fortalecimento da línguas nacionais, quando decidiram pelo ensino compulsório do espanhol no Brasil e do português nos países de língua espanhola.

Desse modo, a Televisão como meio de comunicação publicitária não faz uso do portunhol para circular informações de maneira ampla, em especial quanto às campanhas educativas porque a comunicação demanda apenas intercâmbio e reciprocidade, de maneira que seja possível satisfazer as exigências mínimas do diálogo, a partir de um mínimo de simetria que possibilite aos sujeitos atuar em liberdade. Além disso, nessa região existe uma grande diversidade cultural, há presença de imigrantes de origens diversas — árabes, chineses, coreanos, aos que se somam paraguaios, argentinos e brasileiros, assim como grupos indígenas e de certas comunidades étnicas de origem européia que historicamente tem habitado esse território. Assim, a riqueza sociocultural dessa região não limita-se a uma comunicação em português, espanhol ou portunhol.

Por fim, não obstante uma evidente tentativa de planificação linguística não apenas orquestrada pelo processo de colonização em si e pela desfavorável política econômica metrópole-colônia, mas que, igualmente,

esteve diretamente relacionada e foi uma das consequências da origem dos Estados Nacionais em nosso continente, e posteriormente, da criação do Mercosul, que apenas substitui a ideia da nação possuir uma única língua que funcione como propriedade privada e elo de integração para a nação, para que tenhamos, em algum momento no futuro, duas: o português e o espanhol. O portunhol, o guarañol, o yopará, entre outras variantes de línguas de contato ainda continuam vivas como resultado dos fluxos fronteiriços, de pessoas, bens e significados e por isso, comprova-se que sim, é possível estabelecer a fronteira entre países não como limite e campo para diferenças, mas justamente o contrário, enquanto palco para se descobrir semelhanças por meio do enlace de corpos e culturas.

REFERÊNCIAS

Acemoglu, D.; Robinson, J. (2012). *Por que as nações fracassam: as origens do poder, da prosperidade e da pobreza*. Rio de Janeiro: Elsevier Editora.

Alfonso, H. D. (2008). “Las ciudades en la frontera: introducción a un debate”. In: Alfonso, H. D. (coordinador). *Ciudades en la frontera: aproximaciones críticas a los complejos urbanos transfronterizos*. Santo Domingo, DR: Editora Manatí.

Anderson, B. (2008). *Comunidades imaginadas*. São Paulo: Cia das Letras.

Atkinson, T. E. (1994). *Reassessing Brazil: new risks and opportunities*. New York, NY, USA: Economist Intelligence Unit.

Barcelos, A. H. F. (2013). *O mergulho no seculum: exploração, conquista e organização espacial jesuítica na América Espanhola Colonial*. Porto Alegre: Editora Animal.

Béliveau, V. G.; Mallimaci, F. (2013). “Identidad y alteridad en las fronteras entre Argentina, Paraguay y Brasil: percepciones del otro migrante”. In: Kozel, A.; Crespo, H.; Palma, H. A. (compiladores). *Heterodoxia y fronteras en América Latina*. Buenos Aires, ARG: Teseo.

Castellanos, R. (2003). “El encuentro es a oscuras”. In: Corral, M. J. C. *La comunicación y sus entramados en América Latina: cambiar nuestra casa*. Colonia San Rafael, Mex: Plaza y Valdés.

Di Tullio, A. L. (2008). “Políticas lingüísticas regionales”. In: Biagini, H. E.; Roig, A. A. (directores). *Diccionario del pensamiento alternativo*. Buenos Aires, ARG: Editorial Biblos.

Garcia Canclini, N. (2006). *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da Modernidade*. São Paulo: Edusp.

Hardy, A. T. (2013). *The world turned upside down: The complex partnership between China and Latin America*. Singapore: World Scientific Publishing Co. Pte. Ltd.

Jaquet, H. (2008). “Más allá de la frontera, las fronteras: una aproximación socioespacial a las situaciones fronterizas de Misiones, Argentina”. In: Alfonso, H. D. (coordinador). *Ciudades en la frontera: aproximaciones críticas a los complejos urbanos transfronterizos*. Santo Domingo, DR: Editora Manatí.

Jusionyte, I. (2015). *Savage frontier: making news and security on the argentine border*. Oakland, California, USA: University of California Press.

Lacorte, M. (2006). “Política y lenguaje en el español de Estados Unidos: ¿globalidad o falta de realidad?” In: Terborg, R.; Landa, L. G. (Presentación y compilación). *Los Retos de la planificación del lenguaje en el siglo XXI*, Volume 2. Distrito Federal, MEX: Universidad Nacional Autónoma de México.

Lima, L. M. (1998). “La importancia de la enseñanza del portugués e del como idiomas oficiales en el Mercosur”. In: Celis, A.; Heredia, J. R. (Coord.). *Lengua y cultura en la enseñanza del español a extranjeros: actas del VII Congreso de ASELE*. Cuenca, Cuenca, ES: Universidad de Castilla-La Mancha.

Medina, A. T. (2007). *El español para brasileños con atractivo, agrado y asuntos de interés*. Recife: Editora Universitária UFPE.

Milia, J. G. (2015). *Geopolítica de límites y fronteras de la Argentina*. Buenos Aires, ARG: Editorial Dunken.

Rajagopalan, K. (2009). “South American englishes”. In: Kachru, B. B.; Kachru, Y.; Nelson, C. L. (Edited). *The handbook of world englishes*. Chichester, West Sussex, UK: Wiley-Blackwell.

Riedinger, E. A. (2005). “Paraguay”. In: Skutsch, C. (editor); Ryle, M. *Encyclopedia of the World's Minorities*. Volume 1. A-F. New York, USA: Routledge.

Rosa, N. (2009). “Nuevas expediciones. Itinerarios, migraciones, excursiones, turismo”. In: Grunwald, S.; Hammerschmidt, Y.; Heinen, V.; Nilsson, G. (éds.). *Pasajes. Passages. Passagen*. Sevilla, ES: Universidad de Sevilla.

Richards, K.; Shaw, L. (2005). “Indigenous languages”. In: Shaw, L.; Dennison, S. *Pop Culture Latin America!: Media, Arts, and Lifestyle*. Santa Barbara, California, USA: ABC-CLIO.

Sfez, L. (2000). *Crítica da comunicação*. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola.

Shaw, L.; Richards, K. (2005). “Language”. In: Shaw, L.; Dennison, S. *Pop Culture Latin America!: Media, Arts, and Lifestyle*. Santa Barbara, California, USA: ABC-CLIO.

Shaw, L.; Taylor, C.; Richards, K. (2005). “Mass media”. In: Shaw, L.; Dennison, S. *Pop Culture Latin America!: Media, Arts, and Lifestyle*. Santa Barbara, California, USA: ABC-CLIO.

Stavans, I. (editor in chef). *Latin music: musicians, genres, and themes*. Santa Barbara, California, USA: Greenwood, 2014.

Artículo recibido: 15/12/16

Artículo aceptado: 24/02/17

RAFAEL RICARDO DE OLIVEIRA

Possui graduação em Direito pela Universidade Estadual do Norte do Paraná, UENP (2010). Atualmente, é graduando em Publicidade e Propaganda pela Universidade Estadual do Centro-Oeste, UNICENTRO, atuando principalmente nos seguintes temas: Comunicação, fronteira, tecnologia, merchandising e legislação. É membro do grupo ECCOS - Estudos em Comunicação, Consumo e Sociedade da Universidade Federal do Paraná, UFPR.

MARCIO RONALDO DOS SANTOS FERNANDES

Chefe de Gabinete da Reitoria da Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro). Doutor em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). É professor concursado desde 2006 da Unicentro, Paraná, lotado no Departamento de Comunicação Social (Decs). Professor permanente do curso de Mestrado em Letras da Unicentro. Docente convidado do Curso de Mestrado em História da Unicentro e do Curso de Doutorado em Ciências Sociais da Universidad Nacional de Jujuy (UNJu/Argentina). Líder do grupo de pesquisa Conversas Latinas em Comunicação (CLC). Coordenador e/ou membro de diversos projetos financiados por agências de fomento, como CNPq, Red Zicosur Universitário e Fundação Araucária. Conferencista e/ou consultor em instituições.